

Amor em tempos de zika



Marcelo Paiva

* Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisador colaborador do CPqAM/FIOCRUZ. Ex-professor da Asces-Unita.

Há aproximadamente um ano, o romance morreu em nosso país. Uma morte inesperada, ocasionada por um personagem bastante conhecido, negligenciado e capaz de contar a história desse país, melhor do que qualquer historiador. Viu o Brasil do começo, de camarote, direto dos porões dos navios negreiros.

“O problema era o mosquito. Não era o caótico processo de urbanização instalado no país”

Nessa terra maravilhosa, ficou mais uma residência: teve perfeita adaptação, demonstrou enorme potencial de expansão, colonizando como nenhum outro ser o Brasil, de norte a sul. A história das doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti* desafia a saúde pública

brasileira desde o meio do século passado. A febre amarela foi o carro chefe: era preciso eliminar o mosquito vetor do vírus, para eliminar a transmissão urbana da doença.

O problema era o mosquito. Não era o caótico processo de urbanização instalado no país, não era a falta de políticas públicas adequadas, não era a falta de condições sanitárias dos principais centros urbanos. Era o mosquito. Erradicado brevemente de solo brasileiro, *Aedes aegypti* voltou ao país logo em seguida, para encontrar um cenário epidemiológico ainda mais favorável para sua fixação.

Hoje, este mosquito não erradicado e não controlado, tornou-se mais uma vez personagem central de surtos de outros vírus no país: Dengue, Chikunkunya e Zika. Este último, foi rapidamente propagado pelo Brasil, encontrando condições favoráveis em uma população humana susceptível, e mosquitos transmissores disseminados por todos os municípios brasileiros.



A zika trouxe à tona uma gama de novas condições clínicas, desde severas alterações neurológicas a malformações fetais

A zika trouxe à tona uma gama de novas condições clínicas, desde severas alterações neurológicas em adultos a malformações fetais. O conhecimento científico até então obtido, apresentava-se como insuficiente para dar a resposta imediata a epidemia.

Os olhos do mundo se encheram de compaixão ao ver adultos, antes saudáveis, paralisados em cima de uma cama, sem expressão. Se isso não bastasse, fomos bombardeados com imagens de recém-nasci-

dos microcéfalos e suas famílias esfaceladas. Decretamos um estado de emergência em saúde pública, de interesse internacional.

A zika chegou e sua transmissão, desafiou as leis do amor. Passamos a nos preocupar com os mosquitos e com nós mesmos. Antes altruísta, a doação de sangue foi questionada. Antes carinhosa, a troca de beijos foi desconfiada. Antes um símbolo de renovação da humanidade, a gravidez foi evitada.

Precisamos desenterrar velhos hábitos, perdidos em algum momento do passado. Hoje esquecida, a educação deve ser estimulada; nunca realizado, o planejamento deve ser priorizado; inexistente, o saneamento deve ser executado. Enquanto o mosquito for tratado como solução única, ouviremos saudosamente e, cada vez mais baixa, a voz de Lulu, cantando bem distante: “...consideramos justa, toda forma de amor”.

